

# XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR

## II SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS DA RELIGIÃO DA UEG



ÉTICAS E RELIGIÕES EM TEMPOS DE CRISE - NOV. 2021



### Terreiro de Nagô Yemanjá: Introdução a um estudo sobre linhagem

Andrey Fábio Santos Sales<sup>1</sup>

#### INTRODUÇÃO

A partir da ânsia em se pesquisar e escrever sobre religiosidade afro no contexto amazônico, o trabalho apresentado busca discutir um fato de suma importância para a existência e permanência das religiões de matriz africana no território paraense, mais especificamente na região metropolitana de Belém, que é a temática da família de santo que de certa forma configura toda a estrutura grupal vivenciada dentro desse contexto religioso. Neste sentido, dentro dos modelos de família de santo encontrada nas casas de culto (Vergolino, 2003), isto é nos terreiros, constata-se que há a possibilidade de construção de uma linhagem que perpassa as esferas da constituição de família biológica e no sentido mais específico, é possível haver a criação de uma estrutura familiar de santo a partir da patrilinearidade (Lévi-Strauss, 1982), que é a configuração de família encontrada no campo de pesquisa, o Terreiro de Nagô Yemanjá.

Visando a possibilidade de produção bibliográfica na área das ciências da religião sobre religião de matriz africana no Pará, o trabalho a ser apresentado busca também fazer uma análise do processo histórico de construção do Terreiro de Mina Nagô Yemanjá localizado na Travessa Humaitá, nº 185 bairro da Pedreira na cidade de Belém, terreiro este, que possui em seu processo de construção a característica identitária de existir e resistir na constante busca da perpetuação de seu espaço religioso por meio de seu legado histórico e da sua linhagem.

Tendo como objetivo, analisar o processo de construção histórica do Terreiro de Mina Nagô Yemanjá a partir das observações e discursos coletados em campo de

---

1 Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade do Estado do Pará (2021). Graduado em Licenciatura Plena em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará (2019). Integrante do Grupo de Estudos de Religiões de Matriz Africana na Amazônia – GERMAA/UEPA. Email: salesandrey00@gmail.com

pesquisa, bem como, refletir sobre a historicidade da religião tambor mina nagô no estado do Pará e identificar os elementos importantes para a perpetuação do terreiro. Justifica-se este trabalho pela importância do diálogo que o campo científico das ciências da religião precisa estabelecer com as religiões de matriz africana na perspectiva de valorização da cultura, teologia e sistema simbólico. Logo, é possível constatar as possibilidades de se fazer ciência por meio do processo histórico construído e vivenciado nas religiões, neste caso, o tambor de mina.

Dentro das práticas religiosas existentes no estado do Pará, o Terreiro de Mina Nagô Yemanjá possui a narrativa de história tendo como raiz familiar que faz referência a própria origem do tambor de mina no estado. De certa forma este trabalho surge com o intuito de se entender o discurso que se constrói tendo como foco a linhagem patrilinear e grande importância dada a ancestralidade espiritual que no passado construiu e que no presente, por meio da resistência e legitimidade, a perpetuação se concretiza.

Fez-se uso das técnicas da entrevista, história de vida e da observação direta para levantar dados acerca do terreiro pesquisado, bem como a realização de pesquisa bibliográfica para entender a consolidação do tambor de mina nos estados Maranhão-Pará. Este processo de levantamento bibliográfico foi realizado a partir de autores como Ferretti (1996) que afirma ser o Tambor de Mina uma religião advinda da costa ocidental do continente africano e radicada no eixo norte-nordeste do Brasil pelos estados de Maranhão e Pará. As informações sobre esta matriz religiosa no estado do Pará foram embasadas nos estudos de Vergolino-Henry (1987) e Luca (2010). Num segundo momento pretende-se discorrer sobre a construção de uma linhagem de santo a partir dos estudos feitos por Vergolino e Silva (2015), a partir do que a mesma chama de trajetória ideal para a formação da carreira de um pai de santo, e também pelo conceito de patrilinearidade definido por Lévi-Strauss (1982).

## **1. UMA HISTÓRIA DE LINHAGEM: DO MARANHÃO AO BAIRRO DA PEDREIRA EM BELÉM DO PARÁ**

Nesta sessão, buscarei explicar de maneira didática a respeito dos aspectos históricos de construção e permanência espaço religioso no bairro da Pedreira, bem como sua configuração espacial e o discurso narrativo que legitima a linhagem familiar consanguínea e de santo encontrada no campo de pesquisa. Para que a análise seja feita de forma entendível, busca-se-à construir um estudo etnográfico que ajudará no processo de desenvolvimento da pesquisa e que tem como método de coleta de dados entrevistas formais e informais, bem como a participação de forma direta e indireta em ações religiosas e sociais que fazem parte do calendário anual do Terreiro de Nagô Yemanjá.

### 1.1. – A CASA DE SANTO NO BAIRRO DA PEDREIRA

A princípio, uma das coisas observadas no campo de pesquisa e que chama atenção no sentido investigativo é a presença e permanência até os dias atuais do terreiro dentro do bairro da Pedreira e a sua denominação enquanto mina nagô. Sendo considerado “o bairro do samba e do amor”, o bairro da Pedreira é conhecido por reunir fatos históricos que remetem a uma grande relação com o samba. Sendo inclusive o bairro em que se encontra o sambódromo de Belém - Aldeia de Cultura Amazônica Davi Miguel - localizado na Avenida Pedro Miranda (uma das principais avenidas de Belém). O nome Pedreira foi atribuído devido ao grande números de pedras encontradas na localidade (Negrão, 2014, p. 62).

Além da questão que remetem a grande relação com a cultura popular, o bairro da Pedreira possui uma forte organização em movimentos sociais, sendo inclusive citado como o local escolhido por Francisco José de Sousa Soares de Andrea para o desembarque das tropas imperiais que iriam combater os rebeldes cabanos que tomaram Belém. Trata-se de um dos bairros da grande Belém que mais reúnem povos tradicionais de matriz africanas na região metropolitana de Belém.

Percebe-se inclusive que a permanência dos povos de terreiros neste espaço urbano é bastante diversa, visando o fato de que dentro do bairro, pode-se encontrar vários terreiros de candomblé, tambor de mina, umbanda e casas com praticas da pajelança cabocla. O terreiro, como dito anteriormente, fica localizado na travessa Humaitá nº 185 - entre Rua Nova e Rua Antonio Everdosa no bairro da Pedreira. Faz-se necessário dizer que o referido bairro faz fronteiras com alguns bairros, sendo

estabelecidos das seguinte forma: bairro do Souza ao norte; os bairros da Sacramenta e Telegrafo ao oeste; Umarizal e bairro de Fátima ao sul e bairro do Marco a leste. Luca (2010, p. 62), referindo-se ao bairro da Pedreira, nos diz que: “O bairro da Pedreira é conhecido pela titulação *‘bairro do samba e do amor’*, vale dizer que em seu território foi grande a concentração de terreiros”. Inclusive, ressalta-se com bastante importância a presença da Federação Espírita Umbandista e dos Cultos Afro-Brasileiros (FEUCABEP) no bairro citado.

Nos estudos feitos sobre a história do negro no Pará, Vicente Salles refere-se ao processo de transferência do povo negro do bairro de Umarizal para outros bairros periféricos de Belém, incluindo o bairro da Pedreira. No livro intitulado “O Negro no Pará sob regime da escravidão” (1971), o autor nos aponta a seguinte afirmação:

Pode-se afirmar que desse bairro irradiou-se a cultura negra, como outrora fora um ponto de convergência, depois a população negra fora dispersada, forçada a se transferir para a periferia da cidade que se modernizava. O núcleo se desfez e o negro se espalhou por outros bairros: Pedreira, Guamá, Jurunas, Cremação, Sacramenta, Vila da Barca, etc.. Nesses bairros, hoje encontramos os terreiros de macumba, o antigo batuque e o babaçúê, modernizado, sincretizado com o tambor-de-mina do Maranhão, o candomblé da Bahia e a umbanda carioca, e, ainda, alguns traços da pajelança cabocla (Salles, 1971, p. 190 - 191).

Logo, pode-se perceber que a presença da casa de santo pesquisada dentro do bairro da Pedreira se dá também por conta do processo histórico de urbanização da cidade de Belém e com isso, a transferência das práticas religiosas e culturais dos povos negros que outrora era realizadas em bairros centrais, - como o bairro do Umarizal - para bairros periféricos.

## **2. O TERREIRO DE NAGÔ YEMANJÁ E SUA LINHAGEM**

Faz-se necessário salientar que a discussão sobre as religiões de matriz africana no contexto amazônico tem sido discutida dentro de outras áreas científicas, como por exemplo na história, antropologia e até mesmo no campo das ciências da religião. Segundo Luca (2010):

“A primeira empreitada de pesquisa sobre a temática das religiões afro-brasileiras no Estado do Pará foi realizada pela Missão de Pesquisas Folclóricas de Mário de Andrade, que chegou a Belém em julho 1934 para efetuar gravações de doutrinas que sua equipe denominou de *‘música de feitiçaria’*. Foram os pesquisadores modernistas que desenvolveram a primeira grande investigação nessa capital” (Luca, 2010, p. 42).

A partir da breve contextualização da localidade em que o terreiro se insere, parto para a análise da questão da própria denominação atual do espaço enquanto *tambor mina nagô*. Com isso, a partir de Mundicarmo Ferretti, buscarei conceituar sistemática religiosa presente no tambor de mina, que é uma das religiões de matriz africana mais popular no contexto Pará – Maranhão.

Segundo a autora M. Ferretti, na obra "Desceu na Guma: o caboclo da Mina em um terreiro de São Luís" (1996). A religião tambor de mina, consiste em:

manifestação de religião afrobrasileira mais conhecida no Norte do Brasil, que surgiu no Maranhão, com a Casa das Minas-jeje e a Casa de Nagô (abertas em São Luís, por africanas, em meados do século passado) e, apesar de ter sido levada por migrantes para outras regiões brasileiras, continua a ser mais praticado no Maranhão e no Pará. Como o Candomblé da Bahia, o Tambor de Mina é estruturado a partir de modelos identificados com 'nações' ou diversas tradições culturais africanas (jeje, nagô, cambinda, fanti-ashanti) (...) No Tambor de Mina são cultuadas e recebidas, em transe, entidades espirituais africanas (voduns e orixás) e entidades espirituais que começaram a ser conhecidas pelos negros no Brasil (gentis e caboclos) (Mundicarmo Ferretti, 1996, p. 16).

Em sua discussão sobre o tambor de mina no estado do Pará, Vergolino (2003), nos aponta que "o termo mina faz referência ao maior empório de escravos sob domínio português: o Forte São Jorge de El' Mina, situado na Costa do Ouro, atual Gana, que exportava mão-de-obra negra para diversas partes do Brasil" (Vergolino, 2003, p.3).

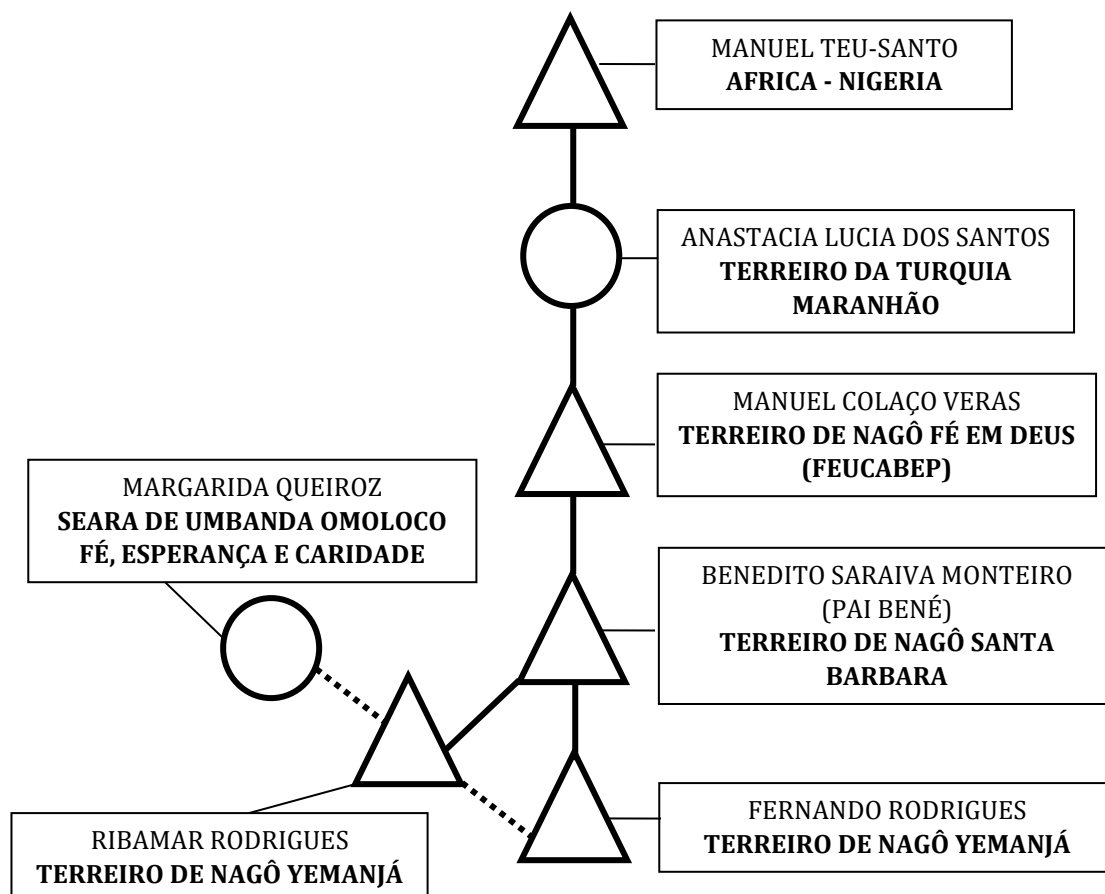
Além da denominação dada a partir das vivências encontradas na história dos negros escravizados, percebe-se que a difusão do tambor de mina no estado do Pará a relação com o estado do Maranhão se dar de uma maneira muito intensa, visando o fato de que as nações *jejês* e *nagô* encontrada na *religiosidade mineira* são de origem afro-maranhense. Luca (2010), afirma:

No Estado do Maranhão estes negros fundaram duas casas mater: a Casa das Minas - de tradição jeje - e a Casa de Nagô - com influência da tradição Nagô, em meados do século XIX. Além destes dois centros de culto, considerados pela bibliografia específica, como pioneiros. Posso citar, também outros terreiros, de fundação um pouco mais tardia que tiveram importância fundamental em se tratando desta matriz religiosa. Refiro-me do Terreiro da Turquia - fundado por mãe Anastácia - e o Terreiro do Egito - criado por Massinokô-Alapong (Luca, 2010, p. 57).

No entanto, quando se trata da historicidade do tambor de mina no estado do Pará, a narrativa da origem desta prática religiosa, não é tão bem detalhada e tão clara como as histórias de origem no campo maranhense Luca (2010). Retomando os estudos de Vergolino (2003), Luca (2010) em sua tese de doutorado afirma:

“Neste trabalho ela mostra que apesar dos poucos dados coletados pela narrativa oral, foi possível, depois de um processo de garimpagem documental e bibliográfica, construir duas genealogias. A primeira delas liga **Manoel Teu Santo à Benedito Saraiva - Pai Bené** - e a segunda estabelece um elo entre a africana Massinokô-Alapong, do Terreiro do Egito e Orlando Machado da Silva – Pai Bassu” (Luca, 2010, p. 61).

Diante disso, busca-se nesta parte do trabalho, mostrar um gráfico de parentesco que exemplifica a relação dos sujeitos importantes na narrativa de linhagem encontrada no Terreiro de Nagô Yemanjá:



Legenda:

———— Filiação do Santo

..... Filiação Biológica

O gráfico de parentesco exemplifica a linhagem da família de santo do Terreiro de Nagô Yemanjá, sendo estruturado na seguinte forma: a forma triangular representa a figura masculina e a circular representa a figura feminina. A identificação de filiação se dá pela linha traçada preta indicando uma filiação consanguínea biológica, já a linha reta indica a filiação de santo religiosa.

A linhagem se inicia com Manuel Teu-Santo que segundo a pesquisadora Anaiza teria sido um nigeriano que morava em São Luís e era casado com Dona Filoca, uma dançante da Casa de Nagô que recebia Badé,<sup>2</sup> seguido por Anastacia filha de santo de Manuel Teu-Santo que depois viera a fundar o Terreiro Fé em Deus ou Terreiro da Turquia no Maranhão. Posteriormente esta religiosa em visita a Belém iniciou um filho de santo, o conhecido Manoel Colaço que segundo Vergolino (2003, p. 18) fundou o Terreiro de Nagô Fé em Deus, situado na antiga travessa Itororó – Atual Enéas Pinheiro – no bairro da Pedreira, onde hoje é a sede da FEUCABEP. A terceira geração do nigeriano fundador da linhagem seria composta pelo curuçaense Benedito Saraiva que segundo Vergolino (2003, p. 19) consta ser o único filho de santo paraense feito por Colaço. Benedito teria fundado o Terreiro de Nagô Santa Barbara localizado na Travessa Humaitá nº 1901 (bairro do Marco). Com isso, conta-se que pai Bené teria sido pai de santo de dezenas de filhos que conseqüentemente os tornariam descendentes de Manuel Teu-Santo, dentro dessas dezenas encontram-se os sujeitos que biologicamente são pai/filho e que no contexto religioso, tornaram-se irmãos de santo uma vez que foram iniciados pelo mesmo sacerdote. São eles: Pai Ribamar Rodrigues – Pai Ribinha – e Pai Fernando Rodrigues. A relação de parentesco (pai e filho) no contexto afro-religioso se deu primeiramente a partir de pai Ribamar Rodrigues (Pai Ribinha), que viria a se tornar filho de santo de pai Benedito Saraiva (Pai Bené) nos idos anos setenta.

Torna-se importante relatar que cruzamento das fronteiras entre Pará e Maranhão eram relatados por pai Bené de uma forma muito tênue. Pai Bené não tinha muitas informações sobre a procedência de Manuel Colaço, apenas sabia que era maranhense e nagoense. Esta construção do discurso de linhagem foi feito a partir de

---

<sup>2</sup> Entidade masculina do panteão Jejê, podendo corresponder a Xangô do panteão Nagô/Yorubá.

uma pesquisa em que professora Anaiza decidiu fazer a respeito das fronteiras entre os dois estados (Pará e Maranhão) por ocasião dos cinquenta anos de feitura de pai Bené, no qual foi possível rastrear a linhagem em que o mesmo estava inserido e construir um banner que fora entregue para o pai Bené. A partir daí, um outro filho de santo de pai Bené, Dr. Vitor, desdobrou a construção dessa linhagem para os filhos e netos.

Após a apresentação da linhagem em que o terreiro se insere, identifico que o campo apresenta um modelo de linhagem baseada na característica patrilinear onde processo sucessório da casa de santo perpassa as linhagens da família biológica e de santo com uma visibilidade maior dada a figura masculina/pai.

Sobre a discussão de patrilinearidade e matrilinearidade, Lévi-Strauss em sua obra “As Estruturas elementares do parentesco” (1982), nos mostra que:

“A família reconhecia a filiação pela linha materna assim como pela linha paterna, enquanto o clã ou a metade só levam em conta o parentesco segundo uma única linha, que é ora a do pai ora a da mãe. Diz-se então que a filiação é patrilinear ou matrilinear. Estas definições eram entendidas no sentido mais estrito, conforme a observação dos fatos convidava, aliás, frequentemente a fazer. Um regime de filiação matrilinear não reconhece nenhum vínculo social de parentesco entre uma criança e seu pai. E no clã de sua mulher - do qual seus filhos fazem parte - ele próprio é um “visitante”, um “homem de fora” ou um “estranho”. A situação inversa prevalece no regime de filiação patrilinear” (Lévi-Strauss, 1982, p. 142).

Neste sentido, constata-se que no processo de formação histórica do Terreiro de Nagô Yemanjá, existe a possibilidade de analisar a formação patrilinear, a partir da perspectiva em que se constrói um discurso que visibiliza mais a figura do pai/filho/homem. Sobre a questão conceitualização do termo família de santo nas religiões de matriz africana, Vivaldo da Costa Lima nos explana em sua obra intitulada “A Família de Santo nos Candomblés Jejes-Nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrúpicas”, a seguinte questão:

“A expressão (família de santo) é entendida nos candomblés como um equivalente significativo dos sistemas familiares tradicionais, certo sem as racionalizações analíticas e definitórias, que fazem de família um conceito ainda polêmico, da sua definição à sua estrutura e de sua tipologia à ‘universalidade’” (Lima, 2003, p. 24).



A citação sobre definição de família que Lima (2003) torna-se importante uma vez que permite o entendimento da concepção de família dentro do grupo religioso pesquisado, bem como construção de linhagens a partir de uma determinada possibilidade de extensão de laços afetivos ou conflituosos criada no campo. Logo, percebemos que o simbolismo da família construída pelos grupos de matriz africana, se difere e se assemelha a composição familiar tida como tipo ideal pela sociedade brasileira. Se aproxima uma vez que mantém os mesmos papéis sociais no entanto os mesmos não são construídos a partir do nascimento biológico e sim do nascimento ritual simbolizado pelo processo iniciático.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No processo de construção desta pesquisa sobre a linhagem e patrilinearidade dentro do contexto de uma das inúmeras casas de santo de tambor de mina existentes dentro do estado do Pará, tornou-se importante observar o quão importante a religião de matriz africana é para o grupo pesquisado, na medida em que se cria métodos de resistência e sobrevivência de uma história que se entrelaça com o contexto familiar dentro das esferas religiosas. No entanto, é possível afirmar que dentro da temática de família de santo, há uma problemática de conceituação de família, da qual Lima (2003) discute no início de sua obra que analisa o contexto da família de santo dentro das religiões de matriz africana no campo baiano e isso de certa forma contribui para a existência deste trabalho no sentido em que há a possibilidade de se discutir a o assunto familiar de santo a partir do teor patrilinear existente na história de um terreiro de nagô no Pará.

Diante do fator problemático discutido na atual pesquisa, constata-se que a história do terreiro possui uma forte relação com a ancestralidade e isso possibilita meios de mudanças de ritualidades e formas de culto a ancestralidade vivenciada nas casas de santo mineiras, logo, um dos pontos observados e relevantes na escrita deste trabalho é constante diálogo que o atual líder religioso tem com outras casas de culto, e essa abertura que o mesmo possui se dar por duas questões: uma é pelo seu carisma e o outro é por sua história patrilinear repassada e sempre lembrada em seus discursos.

A realização deste trabalho torna a área das ciências da religião ainda mais rica em métodos de luta contra a intolerância religiosa para com os povos tradicionais de matriz africana na Amazônia, a partir do momento em que se estuda as religiões de matriz africana como fator cultural e social e que por meio do contato com o campo, abrem-se possibilidades de discussões sobre o fim da cultura intolerante existente no processo de formação. E sobre esse processo de mudança cultural intolerante existente no processo formativo, traz-se as possibilidades de mudanças culturais que Laraia (2001) discute em “Cultura: um conceito antropológico”: “existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com um outro” (Laraia, 2001, p. 50).

Por fim, ressalto que meus interesses de pesquisa no que tange ao contexto histórico e familiar da casa de santo podem ir além do que foi apresentado neste trabalho, na medida em que quando eu inserido em uma linhagem de família acadêmica muito respeitada, buscarei perpetuar diante do processo de escrita científica sobre a religiosidade de matriz africana na Amazônia o que os meus antepassados deixaram como legado de incentivo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERRETTI, Mundicarmo. Desceu na Guma: O caboclo no Tambor de Mina no processo de mudança de um terreiro de São Luís: a Casa Fanti-Ashanti. – São Luis - EDUFMA, 1996.
- LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. As Estruturas elementares do parentesco; tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis : Vozes, 1982.
- LIMA, Vivaldo da Costa. A família de santo nos candomblés jejes-nagôs da Bahia: um estudo de relações intragrupais. – 2 ed. – Salvador : Corrupio, 2003.
- LUCA de, Taissa Tavernad. “TEM BRANCO NA GUMA”: A Nobreza Europeia Montou Corte na Encantaria Mineira. 2010 – 206 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, 2010.
- NEGRÃO, Shayene. *Do samba e do amor*: um estudo de caso sobre o carnaval do bairro da Pedreira sua perspectiva turística. Monografia (Bacharelado em Turismo – Faculdade de Turismo) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

SALLES, Vicente. O Negro no Pará: sob o regime da escravidão. – Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, Serv. de publicações [e] Univ. Federal do Pará, 1971.

VERGOLINO E SILVA, Anaiza. O tambor das flores: uma análise da federação espírita umbandista e dos cultos afro-brasileiros do Pará (1965 – 1975). 1. ed. – Belém, PA : Paka-Tatu, 2015.

VERGOLINO, Anaiza. Os cultos Afro no Pará. In Coleção Contando a historia do Pará: Diálogos entre historia e antropologia, vol. III. Belém, 2003.

VERGOLINO-HENRY, Anaíza. A Semana Santa nos Terreiros: Um estudo do Sincretismo Religioso em Belém do Pará. In: Religião e Sociedade, 14/3, 1987, p. 56-71.